

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
ESAÚDE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

## EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL E SUA ADEÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Letícia da Silva Ferreira de Oliveira<sup>1</sup>  
Jéssica Silva dos Anjos Brito<sup>2</sup>  
Bruna Maria Pereira Santos<sup>3</sup>  
Bianca Machado Ferreira<sup>4</sup>  
Vanessa Alvarenga Pegoraro<sup>5</sup>

### Resumo

Conceitua-se Equipamentos de Proteção Individual (EPI) como todo dispositivo ou produto de uso individual destinado a prevenir riscos que podem ameaçar a segurança e a saúde do trabalhador. O objetivo deste trabalho é verificar a adesão ao uso desses equipamentos no ambiente de trabalho pela equipe de enfermagem. Trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo do tipo de revisão integrativa. Foram encontradas 248 referências, que após a leitura criteriosa do título e resumo, foram excluídos aqueles que não estavam de acordo com o objetivo proposto e incluídos 7 artigos. Identificou-se estas duas categorias para discussão: não uso de EPIs associado a falta de conhecimento e treinamento das Normas Regulamentadoras 6 e 32; e não uso de EPIs associado à autoconfiança por experiência no trabalho. Verificou-se que muitos profissionais deixam de utilizar os EPIs, portanto, é necessário adotar medidas estratégicas, a fim de conscientizá-los sobre a importância de aderir o mau uso desses equipamentos.

**Palavras-chave:** Acidentes de trabalho. Equipamentos de Proteção Individual. Adesão no ambiente de trabalho. Profissionais de Enfermagem.

### INDIVIDUAL PROTECTION EQUIPMENT AND ITS ACCESSION IN THE HOSPITAL ENVIRONMENT BY NURSING PROFESSIONALS

#### Abstract

Personal Protective Equipment is defined as any device or product for individual use intended to prevent risks that may threaten the safety and health of the worker. The objective of this study is to verify the adherence to the use of this equipment in the workplace by the nursing

---

<sup>1</sup>Acadêmica de Enfermagem do UniCEUB no 8º semestre, email: leticia.so@sempreceub.com

<sup>2</sup>Acadêmica de Enfermagem do UniCEUB no 8º semestre, email: jessica.anjos36@gmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica de Enfermagem do UniCEUB no 8º semestre, email: bruna.maria@sempreceub.com

<sup>4</sup>Acadêmica de Enfermagem do UniCEUB no 8º semestre, email: bianca.machado2012@sempreceub.com

<sup>5</sup>Enfermeira. Especialista em Terapia Nutricional, Enfermagem do Trabalho e Saúde da Família. Mestra em Ciências da Saúde da UFMT. Docente do UniCEUB. Docente da graduação em Enfermagem no UniCEUB, email: vanessa.pegoraro@ceub.edu.

staff. This is a bibliographic study, descriptive of the type of integrative review. A total of 248 references were found. After careful reading of the title and abstract, those who did not agree with the proposed objective were excluded and 7 articles were included. These two categories were identified for discussion: non- use of PPE associated with lack of knowledge and training of Regulatory Standards 6 and 32; and non-use of PPE associated with self-confidence from work experience. It has been found that many professionals stop using PPE, therefore, it is necessary to adopt strategic measures in order to make them aware of the importance of adhering to the use of these equipment.

**Key words:** Accidents at work. Equipments for individual safety. Adherence in the workplace. Nursing professionals.

## 1. INTRODUÇÃO

Acidente de trabalho pode ser definido como aquele sofrido pelo trabalhador no exercício de sua função, quando se encontrar à serviço da empresa, que ocasiona lesões corporais e outros fatores, como perturbação funcional e doença que provoque morte, ou reduza temporariamente ou permanentemente a capacidade para exercer atividades laborais (TARTARI, 2016).

A Lei n. 8.213 de 24 de julho de 1991, a qual “dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social”, define acidente de trabalho como sendo: “aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa ou ainda, pelo exercício do trabalho dos segurados especiais, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte, a perda ou redução da capacidade para o trabalho, permanente ou temporária”. A lei garante, ainda, que o trabalhador receba da previdência social o devido acompanhamento na sua recuperação pós-acidente e no tratamento das doenças ocupacionais (BRASIL, 1991).

A base legal do Equipamento de Proteção Individual (EPI), se encontra na Norma Regulamentadora n. 6, a qual o conceitua como todo dispositivo ou produto de uso individual utilizado no ambiente de trabalho, com vistas a prevenir riscos capazes de intentar contra a segurança e a saúde do trabalhador (BRASIL, 1978).

A exposição do profissional ao agente biológico se dá por meio do contato com sangue e líquidos orgânicos no exercício das funções. A biossegurança é inadiável no local onde os profissionais da saúde exercem suas atividades laborais, para que se previna o contágio de doenças e acidentes no ambiente de trabalho nos hospitais, que é considerado insalubre, sendo que a legislação brasileira indica o uso de EPI, assim como o uso correto e sua inspeção (SOARES et al., 2013).

Dentre as variadas classes, os profissionais da enfermagem são os mais acometidos de acidentes com material biológico, com aumento das taxas de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). A equipe de enfermagem, no dia a dia de suas atividades, utiliza-se de contato permanente com pacientes em diversos panoramas de assistência, logo, prevalece o risco de exposição a estes materiais, e consequente contaminação pelos vírus causadores das hepatites B e C e do vírus da imunodeficiência humana, que traz impactos danosos e repercussões no contexto físico, psicológico e social, que afeta suas relações tanto no ambiente familiar, quanto na sociedade (OLIVEIRA; BARBOSA, 2016; SILVA NEGRINHO et al., 2017).

Sabe-se que os profissionais da área da saúde são aqueles que mais estão expostos aos perigos de contágio e adoecimento devido a atividade laboral. Como exemplos desses riscos, pode-se citar: agentes físicos, químicos, psicossociais, ergonômicos e biológicos. Dentre estes,

o que se destaca é o risco biológico, que é a categoria de risco em que mais estão expostos esses trabalhadores, principalmente por perfurocortante (NOWAK et al., 2013).

Considera-se material perfurocortante todo aquele que possa causar corte ou furo ao serem utilizados pelos profissionais da saúde. Dentre eles pode-se citar agulha, dispositivo intravenoso periférico, bisturi, lâminas e ampolas quebradas (LIMA et al., 2016).

Portanto, os acidentes causados por perfurocortantes são os que mais se destacam no ambiente de trabalho, sem contar que são mais graves, pois pode haver contaminação de doenças incuráveis (BRASIL, 2005).

Como já mencionado, os EPIs são equipamentos destinados ao uso individual no ambiente de trabalho, de forma exclusiva a protegê-los dos riscos inerentes à profissão, capazes de ameaçar ou atingir a saúde e a segurança dos trabalhadores da saúde, conforme previsão expressa na referida Norma Regulamentadora n. 6, do MTE. Apesar de os benefícios estarem previstos nas referidas NRs, muitos profissionais não fazem uso dos EPIs (LEÃO et al., 2011).

As principais precauções estão relacionadas a várias práticas de prevenção de infecções utilizadas para assistir aos pacientes, que independe da suspeita ou confirmação de infecção. São elas: uso adequado dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), higienização das mãos, acomodação do paciente em local de acordo com o risco, limpeza e desinfecção de superfícies e artigos e práticas seguras de injeções, manejo seguro dos perfurocortantes e manuseio/recolha/coleta seguros de roupas e resíduos (CASTRO; RODRIGUES, 2019).

Com o objetivo de evitar e minimizar os mencionados acidentes, em 2005, foi criada a Norma Regulamentadora (NR) n. 32, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), referente a Segurança do Trabalho, a fim de mudar o contexto no qual os profissionais da área da saúde enfrentam ao serem expostos a vários riscos de contaminação e adoecimento no exercício da profissão, bem como gerar e indicar os critérios que precisam ser adotados para atenuar os potenciais riscos, bem como fortalecer a segurança e melhorar a qualidade do serviço e da assistência prestada pelo trabalhador da área da saúde (BRASIL, 2005).

Logo, a pesquisa servirá para verificar a conscientização dos profissionais de enfermagem, referente a gravidade da não utilização de tais equipamentos, e trazer a reflexão quanto a sua importância na prevenção dos acidentes de trabalho.

Desse modo, o objetivo da presente pesquisa foi analisar, na literatura nacional, o uso dos equipamentos de proteção individual e sua adesão no ambiente de trabalho hospitalar pela equipe de enfermagem.

## **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo do tipo de revisão integrativa. Realizou-se o estudo a partir das seguintes etapas: 1. Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; 2. Estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos na literatura; 3. Definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4. Avaliação dos estudos incluídos; 5. Interpretação dos resultados e 6. Apresentação da revisão/síntese do conhecimento (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A revisão de literatura consiste em processar, analisar e descrever uma estrutura de conhecimento, buscando responder a um determinado questionamento. A palavra “literatura” abrange todas as ferramentas importantes que são construídas a partir de um tema, quais sejam, doutrinas, artigos de periódicos e de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, como também teses, dissertações e demais tipos (AQUINO et al., 2014).

Estabeleceu-se como quesito primordial que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa a seguinte questão: Quais são os motivos pelos quais os profissionais de enfermagem não aderem ao uso dos equipamentos de proteção individual? Realizou-se uma busca bibliográfica nas bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nos meses de agosto a outubro de 2019.

Utilizou-se os seguintes descritores indexados no site Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “acidentes de trabalho”, “equipamento de proteção individual” e “profissionais de enfermagem”. Possibilitou-se com esses descritores, a realização de três cruzamentos, inseridos nas bases de dados selecionadas: 1: acidente de trabalho AND equipamentos de proteção individual; 2: acidentes de trabalho AND profissionais de enfermagem; e 3: equipamentos de proteção individual AND profissionais de enfermagem.

A leitura dos títulos, resumos e textos completos, foi realizada por duas pessoas, de forma independente. Os resultados foram comparados com intuito de certificar os critérios de elegibilidade. Captaram-se, no que diz respeito ao recorte temporal, todas as publicações disponíveis em cada base de dados no período de 2011 a 2019.

Elencaram-se como critérios para a inclusão das publicações nesta revisão integrativa: artigos originais e completos, disponíveis gratuitamente nas bases de dados selecionadas, que abordam os fatores que desencadeiam a não utilização de equipamentos de proteção individual pelos profissionais da saúde, escritos em português e artigos de revisão com nove anos de delimitação temporal.

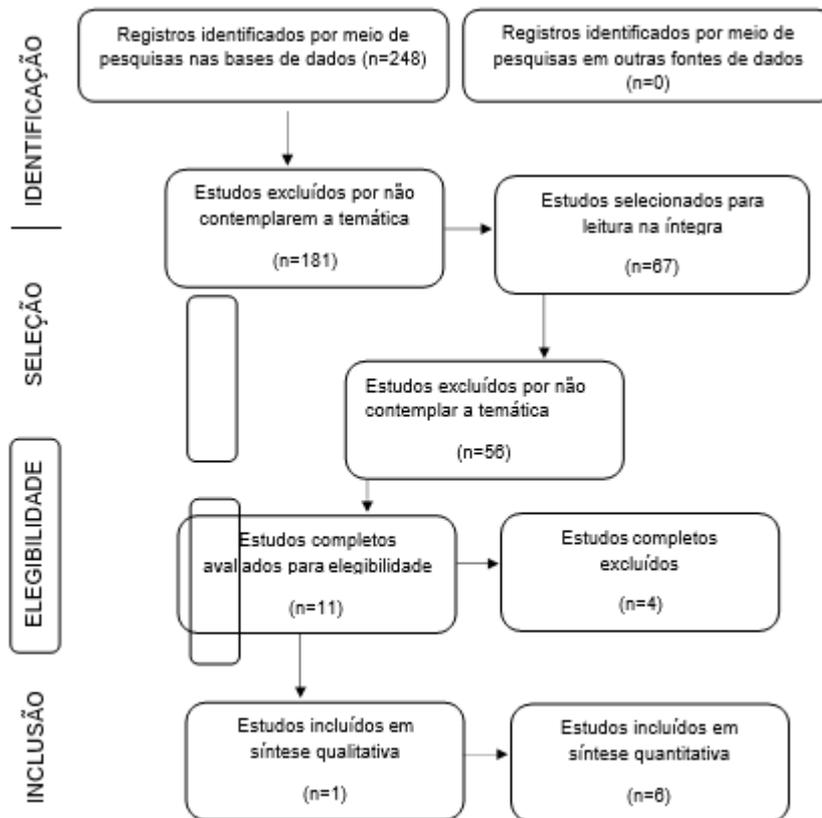
Aplicaram-se os seguintes critérios de exclusão: publicações que não abordassem o uso dos Equipamentos de Proteção Individual pela equipe de enfermagem, em formato de editoriais, resumos, teses, editoriais e carta de opinião.

Avaliou-se os títulos dos artigos encontrados, selecionaram-se aqueles que possuíam vinculação com o objetivo desta pesquisa. Coletaram-se os dados por meio das informações contidas no instrumento elaborado pelos autores, que continham questionamentos sobre: identificação do estudo (título do artigo, título do periódico, autores, e ano de publicação), tipo de publicação e características metodológicas do estudo (objetivo, abordagem da pesquisa, amostra, resultados, análise, implicações e nível de evidência).

Em seguida foi realizado uma análise crítica e compreensiva dos resumos. Posteriormente os artigos selecionados, foram lidos na íntegra e agrupados conforme a congruência dos dados a fim de responder à questão norteadora.

A seleção dos artigos pode ser representada por meio de fluxograma com as recomendações do PRISMA (2009) na figura 1.

Figura 1: Fluxograma de seleção dos estudos. Adaptação do PRISMA (2009). Brasília/DF, BRASIL, 2019



Fonte: As próprias autoras, 2019.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas 248 referências, sendo 147 artigos na base de dados da LILACS, e 101 na SCIELO. Após a leitura criteriosa do título e resumo, foram excluídos aqueles que não estavam de acordo com o objetivo proposto ou fugiam da pergunta norteadora. No total foram selecionados para o desenvolvimento do trabalho apenas 7 artigos, sobre os quais foram apresentados os títulos, tipo de estudos, periódico, bases de dados encontradas e principais achados no quadro 1.

Quadro 1: Descrição dos artigos selecionados para revisão integrativa

| BASE DE DADOS | AUTOR/ANO/PERÍODO   | TÍTULO   | TIPO DE ESTUDO | PRINCIPAIS ACHADOS  |
|---------------|---|--|----------------|---|
| 1<br>LILACS   | CORRÊA, L.B.D. et al.,<br>Revista Brasileira de<br>Medicina do Trabalho, v.<br>15, n. 4, p. 340-349,<br>2017. | Fatores<br>associados ao<br>uso de<br>equipamentos<br>de proteção<br>individual por<br>profissionais<br>de saúde | Transversal    | Entre de janeiro de<br>2010 e dezembro de<br>2015, o total de<br>profissionais de saúde<br>que sofreram acidente<br>de trabalho com<br>exposição a material<br>biológico (ATEMB) no |

|             |   |   |  |  |
|-------------|---|---|--|--|
|             |   | acidentados com material biológico no Estado do Maranhão  |  | Estado do Maranhão foi de 1.919; desses, as maiores frequências ocorreram em 2011 (18,31%) e em 2015 (18,64%). Por outro lado, a frequência estimada de utilização de EPI entre os profissionais de saúde foi de 41,34%; sendo que as mais elevadas ocorreram em 2010 (44,03%), 2013 (45,82%) e 2014 (46,82%)  |
| 2<br>LILACS | SILVA, F.F.A. et al., Rev. pesqui. cuid. Fundam (Online), v. 8, n. 4, p. 5074-5079, 2016.   | Riscos de acidentes com materiais perfurocortantes no setor de urgência de um hospital público. | Descritivo                               | Percebe-se que o fato de o profissional estar familiarizado com as técnicas que envolvem seu processo de trabalho o torna mais seguro, o que possibilita subestimar os riscos que essas atividades podem submetê-los. Paralelamente, achados de outro estudo apontam para associação de inexperiência na função como um dos fatores que colaboram para ocorrência dos acidentes. |
| 3<br>LILACS | LAPA, A. T. L. et al. Acidentes de trabalho com material biológico na equipe de enfermagem de um hospital do Centro-Oeste brasileiro. Escola Anna Nery: | Acidentes de Trabalho com material biológico na equipe de enfermagem de um                      | Transversal<br>Quantitativo e Descritivo | De acordo com a tabela 2, os AT com materiais perfurocortantes apresentaram índices elevados na instituição pesquisada, já que 46,6% da amostra  |

|                 |   |  |              |  |
|-----------------|---|--|--------------|--|
|                 | Revista de Enfermagem, v. 22, n. 1, p. e20170140, 2018  | hospital do Centro-Oeste brasileiro.   |              | relatou já ter sofrido exposição a MBPC durante suas atividades laborais na referida instituição. Desse total, 35,1% sofreram AT com materiais perfurocortantes e 30,4% por meio de mucosas ou pele não íntegra. Atenção deve ser dada aos achados do presente estudo, já que, do total de acidentados, 63,5% relataram ter se acidentado por duas vezes ou mais. Nota-se com os dados da Tabela 2 que apenas 60,9% dos profissionais que se acidentaram com MBPC referiram ter realizado a necessária notificação do último AT. |
| 4<br>SCIEL<br>O | PIMENTA, F. R.; FERREIRA, M. D.; GIR, E.; HAYASHIDA, M.; CANINI, S. R. M. S., Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 47, n. 1, p. 198- 204, 2013. | Atendimento e seguimento clínico especializado de profissionais de enfermagem acidentados com material biológico | Transversa 1 | Dos 1.215 profissionais entrevistados, 579 (47,7 %) afirmaram não ter sofrido exposição ocupacional a material biológico no decorrer de seu trabalho na instituição, enquanto 636 (52,3%) disseram que sim. Essas exposições ocorreram com os profissionais de enfermagem em contato com pacientes nos locais de internação, exames diagnósticos, centro cirúrgico, ambulatório  |

|                 |  |  |   |  |
|-----------------|--|--|---|--|
|                 |  |  |   | e com fluídos corpóreos na central de materiais.   |
| 5<br>SCIEL<br>O | SILVA, E. J.; LIMA, M. G.; MARZIALE, M. H. P. O conceito de risco e os seus efeitos simbólicos nos acidentes com instrumentos perfurocortantes. Revista Brasileira de Enfermagem, v.65, n. 5, p. 809-814,2012. | O conceito de risco e os seus efeitos simbólicos nos acidentes com instrumentos perfurocortantes | Descritivo<br>Qualitativo<br>e<br>Quantitativo. | Os dados comprovam como o risco de acidentes nos ambientes laborais dos hospitais é elevado. Considerando todos os dados apresentados, podemos destacar a importância da criação de instrumentos educacionais que contribuam para a capacitação cotidiana dos profissionais (incluindo os estagiários). Considerando que o risco faz parte do ambiente de trabalho do hospital, devem ser criados mecanismos que façam com que instrumentos como o “Mapa de Riscos” e os equipamentos de proteção individual e coletivo façam parte do cotidiano de todos que atuam nesse ambiente de trabalho. Portanto, a criação de processos contínuos de aprendizagem coletivos, podem ser mecanismos fundamentais para consolidação da conscientização destes profissionais da saúde. No nosso entendimento, alguns trabalhadores dos setores do estudo enfrentam os riscos com maior seriedade, |

|                     |   |   |            |   |
|---------------------|---|---|------------|---|
|                     |   |   |            | <p>adotando as medidas universais de biossegurança, enquanto que, outros negligenciam os usos de EPIS, até mesmo técnicas simples como lavagem das mãos, reencape de agulhas, descarte de objetos perfurocortantes em locais inapropriados, deixando a saúde e a segurança no trabalho relegadas a segundo plano e se preocupando apenas nos direitos de receberem o adicional de insalubridade. Os resultados demonstraram que apenas a avaliação da iluminação estava dentro de todos os padrões exigidos pelas normas técnicas, embora a variação de pequenos desajustes nos outros quesitos não apontem problemas separadamente, numa perspectiva conjuntural, esses valores mostram que o espaço traz elementos que tornam o ambiente insalubre e que podem afetar de forma direta o desempenho do trabalho.</p> |
| 6<br>SCI<br>EL<br>O | LORO, M. M.;<br>ZEITOUNE, R. C. G.;<br>GUIDO, L. A.;<br>SILVEIRA, C. R.;<br>SILVA, R. M.<br>Desvelando situações de | Desvelando situações de risco no contexto de trabalho da Enfermagem | Descritivo | Trabalhadores da enfermagem podem sofrer acidentes com material perfurocortante com alto risco de   |

|                     |  |  |                    |  |
|---------------------|--|--|--------------------|--|
|                     | <p>risco no contexto de trabalho da Enfermagem em serviços de urgência e emergência. Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem, v. 20, n. 4, 2016.</p>   | <p>em serviços de urgência e emergência.</p>   |                    | <p>contaminação por material biológico, podendo adquirir doenças como a hepatite B (HBV), a hepatite C (HCV) e AIDS<sup>6,3</sup>. As consequências dessa exposição podem afetar os trabalhadores física e emocionalmente. Outro aspecto da exposição ao risco biológico está relacionado ao medo de contato com o vírus HIV. No entanto, o risco de infecção com uma agulha contaminada é de um entre três para hepatite B, um entre 30 para hepatite C e, um entre 300 para HIV<sup>6</sup>. O que evidencia que a probabilidade de adquirir hepatite B é superior ao risco de adquirir HIV. No entanto, em decorrência do estigma acerca da doença, sempre que ocorre a exposição há medo da soro conversão para HIV.</p> |
| <p>7<br/>SCIELO</p> | <p>GUIMARÃES E. A. A.; ARAÚJO, G. D.; BEZERRA, R.; SILVEIRA, R. C. S.; SILVEIRA, R. C.; OLIVEIRA, V. C. Percepção de técnicos de enfermagem sobre o uso de equipamentos de proteção individual em um serviço de urgência. Ciencia y Enfermería, v.</p> | <p>Percepção de técnicos de enfermagem sobre o uso de equipamentos de proteção individual em um serviço de urgência.</p> | <p>Qualitativo</p> | <p>Primeiramente, a leitura das entrelinhas dos discursos demonstrou que os sujeitos veem na técnica a grande relevância do seu processo de trabalho. Assim, normas, legislações, aspectos teóricos da prática de enfermagem, para estes</p>   |

|  |                             |  |  |
|--|-----------------------------|--|--|
|  | 17, n. 3, p. 113-123, 2011. |  | entrevistados, possuem pouca importância, não sendo valorizados e muito menos incorporados ao seu processo de trabalho. Isto certamente, já confere um fator de risco para contaminação, bem como para acidentes. A falta de informação e de reflexão é um fator desencadeante para a não aderência dos profissionais ao uso dos EPI, potencializando, assim, os riscos e AT (25, 26). |
|--|-----------------------------|--|--|

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras, 2019

Ao analisar criteriosamente os 7 artigos, foram listados os principais achados. Ao longo das buscas dos estudos nas bases de dados, observou-se que o interesse dos autores sobre a temática, ocorreu entre os anos de 2011 a 2019 da seguinte forma: verifica-se em 2011 uma publicação; 2012 uma publicação; 2013 uma publicação, 2016 duas publicações, 2017 uma publicação e 2018 apenas uma publicação. Desta forma observamos que em 2016 (n = 2) houve um maior registro de publicações. Ressalta-se que, quanto ao método adotado nos estudos selecionados, o mais encontrado foi o método descritivo, visto em quatro artigos (Quadro 2 e figura 2).

Quadro 2: Distribuição dos estudos selecionados por nível de hierarquia

| Nível de evidência   | Quantidade |
|--|------------|
| Nível 1 – revisão integrativa ou metanálise                          | 0          |
| Nível 2 – estudo transversal, analítico                              | 2          |
| Nível 3 – estudo descritivo, exploratório, qualitativo               | 2          |
| Nível 4 – estudo descritivo, transversal, quantitativo               | 1          |
| Nível 5 – estudo exploratório, descritivo, qualitativo, quantitativo | 2          |

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, 2019.

Dentre os artigos previamente selecionados, seguindo os critérios de inclusão e exclusão definidos para a revisão desse estudo, conforme a congruência dos dados, identificou-se duas categorias para discussão sobre o porquê de os profissionais de enfermagem não aderirem aos EPIs: 1) Não uso de EPIs associado a falta de conhecimento e treinamento das Normas

Regulamentadoras 6 e 32; e 2) Não uso de EPIs associado à autoconfiança por experiência no trabalho.

De acordo com o Quadro acima, foi elaborado, ainda, o Quadro 3, no qual há a representação e a subdivisão dos conteúdos temáticos para a discussão, apresentado a seguir.

Quadro 3: Distribuição e subdivisão dos conteúdos temáticos para discussão (Brasil), 2019

| Categoria 1: Não uso de EPIs associado a falta de conhecimento e treinamento das Normas Regulamentadoras 6 e 32 |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Artigos utilizados  |   |   |   |   |   |   |
| 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|   | x |   | x |   |   | x |
| Categoria 2: Não uso de EPIs associado à autoconfiança por experiência no trabalho                              |   |   |   |   |   |   |
| Artigos Utilizados  |   |   |   |   |   |   |
| 1   | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| x   | x | x | x | x | x |   |

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, 2019.

### 3.1 Não uso de EPIs associado a falta de conhecimento e treinamento das Normas Regulamentadoras 6 e 32

Segundo estudos realizados por Barboza et al. (2017), evidenciou-se que, pelo período de 12 meses, o total de 1.358 trabalhadores da saúde passaram por algum tipo de exposição a material biológico. Sabe-se ainda que o não uso desses equipamentos podem acarretar aos profissionais muitos prejuízos, pois pode haver transmissão de doenças infecciosas como a Hepatite B e C e o vírus HIV, assim como traumas psicológicos (SILVA et al., 2016).

Com referência aos fatores que contribuem para o evento acidente de trabalho, foi possível identificar no estudo realizado por Chagas et. al, (2013) que 57,7% dos profissionais da área da enfermagem associam à necessidade de rapidez ao executarem as atividades; 23,1% ao cansaço mental e físico; 11,5% à prática de procedimentos sem o devido uso de EPIs; e 7,7% à escassa experiência profissional (CHAGAS et al., 2013).

A partir de um estudo realizado no Rio de Janeiro, a respeito do conhecimento acerca de acidentes com agentes biológicos, foi possível verificar que apenas 39,8% dos 266 dos profissionais entrevistados fizeram treinamentos relacionados às precauções-padrão (PP). O aludido estudo evidenciou, ainda, que 59% dos participantes mencionaram despreparo técnico, falta de atenção e não utilização de EPI, os quais provocam as principais causas de acidentes com perfurocortantes (SILVA et al., 2016).

Dentre as principais causas frequentemente relacionadas aos acidentes de trabalho, pode-se citar a não observação das normas, imperícias, instruções incorretas ou insuficientes, condições laborais inadequadas, erros de supervisão e orientação, ou inadequação no uso de EPI's (FARIAS; KUROBA, 2018).

Desse modo, é possível verificar que legislações, normas, aspectos teóricos da prática de enfermagem, para os trabalhadores entrevistados em um estudo, possuem pouca importância,

pois não valorizam, tampouco incorporam ao seu processo de trabalho. Portanto, a falta de informação e de reflexão é um dos fatores que influenciam na não aderência aos EPIs pelos profissionais da saúde, dessa forma, potencializa os riscos (GUIMARÃES et al., 2011).

Percebe-se que o treinamento e a conscientização pelos profissionais, são importantes fatores na redução de acidentes, conforme estudo realizado por Porto e Marziale (2016), o qual revelou que a maioria dos profissionais acidentados no trabalho, relatou que recebeu treinamento sobre o cuidado com acidentes que envolvem material biológico, sobre a utilização das precauções-padrão e as condutas tomadas após os acidentes. Constatou-se que, quanto maior a quantidade de treinamentos realizados pelo profissional de enfermagem, menor foi o número de contaminações.

Vale destacar a NR 32 (2011), a qual refere que o empregador deve assegurar capacitação aos trabalhadores, antes do início das atividades e de forma continuada, devendo ser ministrada por profissionais de saúde capacitados sobre os riscos inerentes aos agentes biológicos.

Outro ponto identificado como primordial quanto ao uso de EPIs, é a falta de conhecimento sobre os riscos existentes no trabalho. Ao considerar que o risco é inerente do ambiente de trabalho hospitalar, é certo que mecanismos devem ser criados com o objetivo de que instrumentos como os equipamentos de proteção individual e coletivo, assim como o “Mapa de Riscos”, integrem o dia a dia de todos que atuam nesse ambiente de trabalho. Dessa forma, necessária se faz a criação de processos de aprendizagem coletivos, de maneira contínua, uma vez que são ferramentas essenciais para se consolidar a conscientização desses profissionais da saúde (SILVA; LIMA; MARZIALE, 2012).

Como mencionado anteriormente, o mapeamento de risco citado na NR 5, possibilita o desenvolvimento de ações com cautela pelos trabalhadores perante os perigos identificados e que estão sinalizados de forma gráfica em cada setor do local de trabalho, o que contribui para o controle e eliminação dos riscos detectados (BRASIL, 1978).

Importante destacar que há um percentual de resistência na adoção das medidas de prevenção. Dentre as causas que favorecem para que haja essa resistência, tem-se: o não cumprimento de normas de segurança preestabelecidas, carência de capacitação e inadequação de treinamentos, descrédito quanto à serventia do uso das medidas de proteção individual, além do desinteresse pelos profissionais (RODRIGUES; ALENCAR, 2019).

Em síntese, é certo que as atividades relacionadas à saúde demandam vultuosa produtividade, uma vez que se associam à urgência na realização dos atendimentos e à dificuldade das tarefas ao lidarem com vidas humanas, se traduzem em um conjunto de fatores psicossociais que pode ser responsável por situações de estresse relativo ao trabalho (BRASIL, 2001).

### **3.2 Não uso de EPIs associado à autoconfiança por experiência no trabalho**

Muito embora estudos demonstrarem quão graves são os incidentes que envolvem materiais biológicos e sugerem a utilização dos EPIs como os meios mais adequados para a prevenção de acidentes, é possível observar que, no exercício da atividade profissional, muitos trabalhadores ainda desconsideram os riscos, razão pela qual há baixa adesão à utilização desses equipamentos (CORRÊA et al., 2017).

Diante de estudos realizados, compreende-se que o fato de o profissional estar familiarizado com a aplicação de técnicas que envolvem seu processo de trabalho o torna mais seguro, e assim subestimam os riscos aos quais essas atividades podem submetê-los.

Simultaneamente, outro estudo aponta para associação de inexperiência na função como um dos fatores que colaboram para ocorrência dos acidentes (SILVA et al., 2016).

Sobre esse ponto, merece destaque o estudo realizado no ano de 2012, em duas Unidades de Tratamento Intensivo Adulto de dois hospitais do Rio Grande do Sul, onde concluíram que a biossegurança para o trabalhador da saúde é um desafio, isso porque, quanto mais tempo de atividade profissional, maior é o risco de laborar de forma automatizada, ao expor sua saúde em atividades que, até aquele momento, aparentavam estar controladas (BRAND; FONTANA, 2014).

Alguns fatores que também exercem impacto na adesão como facilitadores são o treinamento e a educação permanente em saúde sobre a temática, pois ter essa consciência é imprescindível para evitar acidentes com materiais biológicos (LAPA et al., 2018).

É fato que a longa estabilidade em uma instituição por um período constante, é capaz de gerar no profissional um excesso de autoconfiança na realização de seu labor diário, o que torna passível a ocorrência de acidentes de trabalho, ao negligenciar sobre as formas preventivas de autoproteção (ANDRADE et al., 2018).

Apesar de estudos evidenciarem a gravidade de acidentes que incluem materiais biológicos e indicarem o uso do EPI como o meio mais adequado para a prevenção, observou-se, na prática, que muitos profissionais ainda subestimam os riscos, razão pela qual há baixa adesão, uso e manuseio incorreto desses equipamentos. Uma das razões se deve ao tempo de experiência profissional, ocasião em que os profissionais mais experientes são mais resistentes a mudanças em seu comportamento (PIMENTA et al., 2013).

Sabe-se que outra forma de se evitar esses acidentes é o emprego das precauções, cuja aplicação isolada é insuficiente para assegurar as medidas de prevenção, logo, deve-se integrar às estratégias, reflexões acerca do que pode ser feito para que haja mudanças comportamentais e sobre as causas dos acidentes (SANTOS et al., 2011).

De acordo com a pesquisa realizada por Silva, Lima e Marziale (2012), verificou-se que 36,7% dos profissionais entrevistados relataram terem problemas com relação à atividade laboral. Diante deste resultado, é possível concluir que isto se revela como resposta à familiarização com as atividades, descrédito de que poderiam ser infectados, em consequência da naturalização das atividades desenvolvidas no ambiente laboral.

Sobre essa questão, estudos evidenciam que o costume e o hábito são os primordiais responsáveis pela resistência ao uso dos EPIs em ambiente hospitalar, bem assim, o setor de emergência é um dos principais em nível local, com números mais alarmantes de motivos que contribuem para autocontaminação. Além desses, destacam-se: autoconfiança, falta de informação, inadequação e interesse (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019).

Uma forma eficaz de evitar esses acidentes, é adquirir conhecimentos sobre os riscos, pelo profissional, na intenção de minimizar sua exposição, e assim, evitar o adoecimento do trabalhador, e, em alguns casos, até acarretar óbito (LORO et al., 2016).

#### **4. CONCLUSÃO**

No decorrer do presente trabalho foi analisado o tema – Equipamentos de proteção individual e sua adesão no ambiente hospitalar pelos profissionais de enfermagem -, sobre o qual foram elaboradas estas duas categorias para discussão, quais sejam: não uso de EPIs associado a falta de conhecimento e treinamento das Normas Regulamentadoras 6 e 32; e não uso de EPIs associado à autoconfiança por experiência no trabalho.

Verifica-se que o objetivo proposto foi alcançado, uma vez que as pesquisas e estudos aqui analisados demonstraram que, dentre os profissionais da saúde, a equipe de enfermagem destaca-se entre aqueles em que mais estão expostos aos riscos físicos, químicos e biológicos ao exercerem a profissão, no ambiente hospitalar ou similar.

A partir das categorias levantadas, foi possível verificar que muitos profissionais, apesar de conhecerem os riscos sobre os quais estão expostos na lida diária, deixam de utilizar os EPIs por vários motivos, entre eles, aqueles mencionados nas categorias elaboradas, além de subestimarem os riscos inerentes à atividade, sobre a qual estão submetidos.

Importante observar que, somente será possível diminuir o elevado quadro de contaminações no exercício da profissão, a partir da união de esforços entre todos os envolvidos, tanto o poder público, por meio de políticas públicas de conscientização sobre riscos à saúde do trabalhador, quanto das instituições privadas, mediante investimentos em pesquisas relacionadas à temática, realização de simpósios, chamamento ao diálogo, formação de estratégias de adesão de EPIs, ao utilizar todos os meios tecnológicos à disposição, além de cursos de atualização constante, que devem ser realizados pelos próprios profissionais da saúde, em busca de conhecimento e aperfeiçoamento profissional.

Dessa forma, sem dúvidas, contaminações das mais diversas formas e espécies poderão ser evitadas, assim, haverá uma elevação na qualidade de vida desses profissionais, os quais tanto se empenham em cuidar da saúde da população, que muitas vezes, negligenciam o cuidado com suas próprias vidas.

Diante de todo o exposto, é importante destacar a importância deste trabalho, ao trazer a reflexão sobre os riscos aos quais estes profissionais estão expostos diariamente, e sobre a relevância de inserir cursos e palestras sobre a temática na rotina desses profissionais, inclusive sobre a legislação pertinente, a fim de realizarem a formação continuada de todos os profissionais, com o objetivo de conscientizá-los sobre os riscos e as formas de prevenção de acidentes no ambiente de trabalho.

## 5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. B.; WEYKAMP, J.M.; CECAGNO, D.; PEDROSO, V. S. M.; MEDEIROS, A. C.; SIQUEIRA, H. C. H. Biossegurança: fatores de risco vivenciados pelo enfermeiro no contexto de seu trabalho/Biosafety: risk factors enhanced by the nurse in their work context. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 2, p. 565-571, 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6462>. Acesso em: 6 nov. 2019.

AQUINO, J. M.; BARROS, L. P.; BRITO, S. A.; FERREIRA, E. B.; MEDEIROS, S. E.G.; SANTOS, E. R. **Centro de material e esterilização: acidentes de trabalho e riscos ocupacionais**, 2014. p. 152. Disponível em: [http://www.sobecc.org.br/arquivos/artigos/2015/pdfs/site\\_sobecc\\_v19n3/06\\_sobecc.pdf](http://www.sobecc.org.br/arquivos/artigos/2015/pdfs/site_sobecc_v19n3/06_sobecc.pdf). Acesso em: 25. out. 2019.

BARBOZA, M. C. N., Almeida, M. D. S., Rodeghiero, J. B. H., Louro, V. A., Bernardes, L. S., & Rocha, I. C. (2017). Riscos biológicos e adesão a equipamentos de proteção individual: percepção da equipe de enfermagem. Hospitalar/Biologicalrisksandadherencetopersonalprotectiveequipment: perceptions of hospital nursing staff. **Revista de Pesquisa em Saúde**, v.17, n.2, 2017. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/download/6027/3647>. Acesso em: 2 nov. 2019.

BRAND, C. I.; FONTANA, R. T. Biossegurança na perspectiva da equipe de enfermagem de Unidades de Tratamento Intensivo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 78-84, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n1/0034-7167-reben-67-01-0078>. Acesso em 6 nov. 2019.

BRASIL. **Lei n. 8213, de 24 de julho de 1991**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm). Acesso em 25 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas\\_relacionadas\\_trabalho\\_manual\\_procedimentos.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho_manual_procedimentos.pdf). Acesso em: 4 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria GM n. 3.214, de 8 de junho de 1978. Aprova a Norma Regulamentadora n. 5 (Equipamento de Proteção Individual – EPI). **Diário Oficial da República Federativa da União**, Brasília, 6 jul. 1978. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR5.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria GM n. 3.214, de 8 de junho de 1978. Aprova a Norma Regulamentadora n. 6 (Equipamento de Proteção Individual – EPI). **Diário Oficial da República Federativa da União**, Brasília, 6 jul. 1978. Disponível em: <http://www.saude.mt.gov.br/cosat/arquivo/1854/normas-regulamentadoras>. Acesso em: 25 out. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria n. 485, de 11 de novembro de 2005. Aprova a Norma Regulamentadora n. 32 (Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde). **Diário Oficial da República Federativa da União**, Brasília, 16 nov. 2005. Seção 1:1. Disponível em: <http://sbbq.iq.usp.br/arquivos/seguranca/portaria485.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CASTRO, A. F.; RODRIGUES, M. C. S. Auditoria de práticas de precauções-padrão e contato em Unidade de Terapia Intensiva. **Revista Escola de Enfermagem**. USP, São Paulo, v. 53, e03508, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342019000100466&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342019000100466&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 ago. 2019.

CHAGAS, M. C. S.; BARBOSA, M. C. N.; BEHLING, A.; GOMES, G.C.; XAVIER, D. M. Risco ocupacional na emergência: uso de equipamentos de proteção individual (EPI) por profissionais de enfermagem. **Revista de Enfermagem**. UFPE on-line, v. 7, n. 2, p. 337-344, 2013.

CORRÊA, L. B. D.; GOMES, S. C. S.; FERREIRA, T. F.; CALDAS, A. J. M. Fatores associados ao uso de equipamentos de proteção individual por profissionais de saúde acidentados com material biológico no Estado do Maranhão. **Revista Brasileira de Medicina**

**do Trabalho**, v. 15, n. 4, p. 340-349, 2017. Disponível em: [http://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/12/876756/rbmt\\_v15n4\\_340-349.pdf](http://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/12/876756/rbmt_v15n4_340-349.pdf). Acesso em 25 out. 2019.

DA SILVA NEGRINHO, N. B.; MALAGUTI-TOFFANO, S. E.; REIS, R. K.; VIEIRA, F. M. P.; GIR, E. Fatores associados à exposição ocupacional com material biológico entre profissionais de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online], 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267049841018>. Acesso em: 25 out. 2019.

DE OLIVEIRA, F. M. R. L.; BARBOSA, K. T. F. Acidentes ocupacionais com exposição a material biológico: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem**. UFPE on-line-ISS: 1981-8963, v. 10, n. 2, p. 830-837, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11026/12413>. Acesso em: 29 out. 2019.

FARIAS, R. D.; KUROBA, D. S. Acidentes ocupacionais com materiais perfurocortantes envolvendo a equipe de enfermagem: revisão bibliográfica. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 12, n. 11, p. 40-56, 2018. Disponível em: <https://www.uninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/949/532>. Acesso em: 5 nov. 2019.

FERREIRA, W. F. S.; OLIVEIRA, E. M. Biossegurança em relação a adesão de equipamentos de proteção individual. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4977>. Acesso em: 6 nov. 2019.

GUIMARÃES, E. A. A.; ARAÚJO, G. D.; BEZERRA, R.; SILVEIRA, R. C. S.; SILVEIRA, R. C.; OLIVEIRA, V. C. Percepção de técnicos de enfermagem sobre o uso de equipamentos de proteção individual em um serviço de urgência. *Ciencia y Enfermería*, v. 17, n. 3, p. 113-123, 2011. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v17n3/art10.pdf>. Acesso em 25 out. 2019.

LAPA A. T.; SILVA, J. M.; SPÍNDOLA, T. A. ocorrência de acidentes por material perfucortantes entre trabalhadores de enfermagem intensivista. **Revista de Enfermagem UERJ**, 2012 dez; 20(esp.1):642-7. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20nesp1/v20e1a16.pdf>. Acesso em 2 nov. 2019.

LAPA, A. T. L.; DIAS, P. D. G.; SPINDOLA, T.; SILVA, J. M.; SANTOS, P. R.; COSTA, L. P. Acidentes de trabalho com material biológico na equipe de enfermagem de um hospital do Centro-Oeste brasileiro. **Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. e20170140, 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5039/pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

LEÃO, L. H. C.; VASCONCELLOS, L. C. F. Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast): reflexões sobre a estrutura de rede. **Epidemiologia e serviços de saúde**,

v. 20, n. 1, p. 85-100, 2011. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742011000100010](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742011000100010). Acesso em: 21 ago. 2019.

LIMA, E. A. G.; ROCHA, I. B.; LIMA, D.; AMENDOLA, F. Revisão integrativa sobre acidente de trabalho com pérfuro cortante em profissionais de enfermagem. **Revista Saúde-UNG**, v. 10, n. 1-2, p. 71-86, 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/1583>. Acesso em: 21 ago. 2019.

LORO, M. M.; ZEITOUNE, R. C. G.; GUIDO, L. A.; SILVEIRA, C. R.; SILVA, R. M. Desvelando situações de risco no contexto de trabalho da Enfermagem em serviços de urgência e emergência. **Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 4, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n4/1414-8145-ean-20-04-20160086.pdf>. Acesso em 2 nov. 2019.

NAZARIO, E. G.; CAMPONOVARA, S.; DIAS, G. L. Riscos ocupacionais e adesão a precauções-padrão no trabalho de enfermagem em terapia intensiva: percepções de trabalhadores. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 42, p. 1-11, 2017.

PIMENTA, F. R.; FERREIRA, M. D.; GIR, E.; HAYASHIDA, M.; CANINI, S. R. M. S. Atendimento e seguimento clínico especializado de profissionais de enfermagem acidentados com material biológico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 1, p. 198-204, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n1/a25v47n1.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

PORTO, J. S.; MARZIALE, M. H. P. Motivos e consequências da baixa adesão às precauções padrão pela equipe de enfermagem. **Revista Gaúcha de enfermagem**, 37(2), 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472016000200501&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472016000200501&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 5 nov. 2019.

RODRIGUES, P. P.; ALENCAR, R. M. Riscos de acidentes com material biológicos em profissionais de enfermagem no ambiente hospitalar: revisão integrativa. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v.17, n. 2, p. 64-72, 2019. Disponível em: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/163>. Acesso em: 6 nov. 2019.

SANTOS, A. S.; DE ARAÚJO, T. M. E., VIANA, M. R. P., SANTOS, M. S., de Araújo, R. R. M.; & CAMPELO, T. P. T. Acidentes perfurocortantes em profissionais de enfermagem de serviços de urgência e emergência em uma capital brasileira. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, 3, 229-241, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750891027.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SILVA, E. J.; LIMA, M. G.; MARZIALE, M. H. P. O conceito de risco e os seus efeitos simbólicos nos acidentes com instrumentos perfurocortantes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 5, p. 809-814, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n5/14.pdf>. Acesso em 30 out. 2019.

SILVA, F. F. A.; FARIAS, H. N. C. F.; COSTA, R. H. S.; SOUZA, N. L.; CARVALHO, J. B. L.; SILVA, R. A. R. Riscos de acidentes com materiais perfurocortantes no setor de urgência de um hospital público. **Revista Online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v. 8, n. 4, p. 5074-5079, 2016. Disponível em: [http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3893/pdf\\_1](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3893/pdf_1). Acesso em: 25 out. 2019.

SOARES, L. G.; SARQUIS, L. M.; KIRCHHOF, A. L.C.; CRUZ, E. D. A. Percepção do risco biológico em trabalhadores de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/31300>. Acesso em: 21 ago. 2019.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, 8(1 Pt 1), p.102-6. 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em 21 ago. 2019.

TARTARI, J. L. O. Acidente de trabalho. **Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá**, v. 6, n. 1, p. 75-79, 2016. Disponível em: <http://revistaemam.kinghost.net/revista/index.php/rjunic/article/download/434/393>. Acesso em: 25 out. 2019.